

Uma abordagem pluralista da espiritualidade a partir do conceito de "inefável" no Tractatus Logico-Philosophicus

Ms. Paulo César Oliveira Vasconcelos¹

RESUMO: A filosofia do austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) certamente pode ser considerada uma das mais influentes e profícuas do século passado. Sua influência transcende em muito sua reputação de lógico ou filósofo da linguagem. Em sua obra mais famosa, o *Tractatus Logico-Philosophicus*, a questão do “inefável” ou do “místico” é abordada de uma maneira subliminar. No entanto, isso não significa que a questão é rejeitada ou periférica no seu pensamento. Muito pelo contrário, o tema é recorrente até o fim de sua reflexão filosófica. Encontram-se relatos sobre o tema da “religiosidade”, da “religião” e de “Deus” em diversos escritos como por exemplo, o próprio *Tractatus*, as *Investigações filosóficas* e *Da Certeza*. No entanto, não há um livro específico ou uma teoria específica para tratar da questão. Para Wittgenstein, a parte mais importante de sua obra magna é aquela que não foi escrita. Contrastando com as principais interpretações de seu tempo que encaravam este livro como um tratado de lógica tão somente, para o autor, mais que isso, seu trabalho seria um “feito ético”. Os métodos lógicos e a utilização de uma linguagem de modelo matemático para expressar de forma clara, ou seja, sem as ambigüidades por vezes encontradas na linguagem natural, aquilo de se pode dizer, sinalizam não uma negação da metafísica enquanto dimensão fundamental da vida, mas demonstram claramente sua transcendência relativamente ao mundo. Circunscrito aos fatos, constituídos pelos “estados de coisas”, o mundo é articulado a partir da linguagem. Não há mundo pensável fora da articulação linguística e de seus componentes fundamentais. Isso implica dizer que a linguagem é o centro da discussão filosófica e torná-la clara é a tarefa fundamental da filosofia para o empreendimento da ciência, essa a verdadeira responsável por falar sobre o mundo a partir de linguagens teóricas típicas de cada domínio da ciência. A concepção de linguagem aqui compreende uma visão correspondencialista da verdade, isto é, os valores de verdade de uma proposição expressa na linguagem dependem de uma relação direta com o mundo, “o mundo é tudo aquilo que é o caso”. Fora do mundo dos fatos as religiões e a espiritualidade humana de um modo geral, não produzem proposições com sentido, pois não podem ter um valor de verdade. No entanto, “há por certo o inefável. Isso se *mostra*, é o místico” 6.522. É precisamente o caráter não racionalizante que Wittgenstein confere ao inefável que constitui a abertura para o respeito e compreensão da pluralidade de formas no tempo e no espaço de experiência religiosa. A partir da concepção desenvolvida no *Tractatus*, aliada a algumas reflexões pessoais do autor, é possível estabelecer os pressupostos fundamentais para uma convivência harmoniosa entre as mais plurais formas de espiritualidade através da superação do caráter racionalizante das religiões contemporâneas rumo a uma concepção de que a fé deve ser vivida não provada, pois conforme Wittgenstein, “sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar” 7.

¹ Doutorando em filosofia pelo programa de pós-graduação em filosofia da Universidade federal do Ceará – UFC. Professor da rede estadual de ensino do Ceará – SEDUC-CE. E-mail: paulocesaroliveiravasconcelos@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7729-9192>.